

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## Preço da assignatura

Aveiro: 100 numeros, 28000; 50, 13000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 numeros, 28250; 50, 13125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 numeros (moeda forte), 43500.—Pagamento adeantado.—Avulso, 20 réis.

## PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Redacção, Administração e Typographia  
Espírito Santo, 71

## Preço das publicações

Anuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Comunicados e réclames, cada linha, 30 réis. Anuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes teem o desconto de 50 p. c.

## AVEIRO

### ELEIÇÕES

Está determinado que as eleições geraes se realizem no proximo mez d'outubro.

Nos paizes democraticos é sempre de grande interesse e de grande importancia este acto. Ainda ha pouco se viu isso na Inglaterra. Nada mais bello do que vêr resolver as questões vitae d'um povo pela acção serena e pacifica d'uns milhares de quartos de papel!

Entre nós, porém, em vez de enthusiasmo, o acto eleitoral não provoca senão indifferença, ou desprezo e riso. Agora mesmo se assiste ao espectáculo triste das eleições serem condemnadas por uma parte do proprio partido que se diz genuinamente democrata, e, por consequencia, aquelle a quem mais competia ensinar e educar por esse meio poderoso de liberdade e de progresso.

Justifica-se isto, entretanto. O acto eleitoral tem sido realmente uma burla entre nós. E' uma responsabilidade tremenda que ha de pesar na historia sobre a monarchia constitucional, que desacreditou e sophismou todos os principios liberaes, além da immoralidade profunda que introduziu na administração dos dinheiros do povo. Se em vez dos roubos das urnas, das chapelas, dos côrtes e falsificações nos recenseamentos, a monarchia tem mantido o respeito do principio, preparando o espirito publico para o exercicio do acto mais nobre e mais importante da vida dos povos livres, outro seria hoje, sem duvida, o estado do paiz. Assim, nem ganhou ella, porque o veneno, que propinou ao povo, tambem lhe chegou a ella ao coração, invadindo tudo, nem ganhou o paiz, que vegeta na mais triste e na mais deploravel abjecção.

Não obstante, nós, que não pertencemos a grupo nenhum, e que, portanto, nem aspiramos a ser candidato por algras, nem nos sentiremos melindrado pela exclusão, não somos partidario do abstencionismo eleitoral, embora concordemos em que haja certos motivos para o defender. Nunca especulámos com coisa nenhuma, e, por isso, permaneceremos inabalavel no systema de dizer aquillo que pensámos, ou seja o que pensam os nossos amigos ou seja o que pensam os nossos inimigos.

E' certo que a monarchia constitucional degradou as eleições. Mas não é menos certo que se as coisas não tomaram nos ultimos annos, em parte, outro caminho, foi devido ao proprio partido republicano que, em vez d'uma attitudie digna, altiva, independente, se comprometteu nas negociações vergonhosas de que a monarchia fizera a essencia de todo o seu jogo politico. A prostituta pôde odiar a mulher honrada; mas contém-se deante d'ella, mas tem-lhe respeito. A virtude cega-a e abate-lhe a frente. Assim, se o partido republicano se tem conservado na linha dos principios, outra seria a sua importancia e outras seriam, portanto, as suas conquistas. O partido republicano, porém, envolveu-se em ac-

cordos, em negociações, em especulações, e a monarchia, do odio com respeito, que lhe podia ter, passou a rir-se d'elle com desprezo.

Ainda ha outra coisa. Um accordo do forte com o fraco pôde-se fazer, mas momentaneamente e quando o forte o reclama. Conhecemos o mundo e, por isso, não se entenda, quando combatemos accordos e transigencias, que o systema que adoramos é a rispida e inabalavel intransigencia dos romanticos. Não soffremos de romantismos, felizmente. O que combatemos e o que condemnamos, é a fórma, o processo e o fim dos accordos que se fizeram no partido republicano. Accordos para empregos publicos não os admittimos. Accordos permanentes não os compreendemos. Accordos, que se mendigam, não os acceptamos. Ora foi tudo isto o que aconteceu no partido republicano.

A politica de José Elias era um accordo permanente, accordo que elle mendigava e que nunca tinha por fim senão apanhar uns empregos publicos e mais umas duzias de votos.

O resultado viu-se. Em primeiro lugar, José Elias nunca constituiu escola, porque, claro é, não se constitue escola d'aquelle modo. Era cercado por uma quadrilha que não via n'elle senão um meio de se locupletar á custa do paiz. Morto o homem, a quadrilha desfez-se logo, uns para a direita, outros para a esquerda, uns conservadores, outros radicais, mandando para o diabo os republicanismos historicos e as historias, dizendo todos que levam consigo o espirito do morto e n'isso talvez que todos elles tenham razão, mas, no fundo, apenas procurando governar-se, que foi a sciencia que elles aprenderam, sem convicções.

Essa é a primeira consequencia visivel da desgraçada politica do partido republicano. A segunda é a falta de consideração com que o encaram todos os seus adversarios.

Se um, mais forte do que eu, me diz n'um momento dado: «você tem lá uma coisa que não presta para si, mas que me serve muito a mim; dê-m'a, em troca d'esta que é de manifesta utilidade para você» seria preciso que eu fosse tolo para não aceitar. Mas foi um contracto momentaneo e digno, que não abateu em coisa nenhuma a minha altivez de combatente. Se fosse eu, o fraco, que fizesse a proposta, já não era bom, porque o forte havia de tentar logo valer-se da minha fraqueza, assim manifestada, para me prejudicar. Mas peor seria ainda, se eu me ficasse a desbarretar perante a proposta do forte, considerando-a assim um favor, ou se convertesse, em perpetuo, o contracto que tinha todo o caracter de momentaneo. Perdia-me irremediavelmente.

Desde que os chefes do partido republicano andavam pelos corredores dos ministerios a pedir empregos para os seus partidarios, desde que entravam em conluos eleitoraes a toda a hora, desde que na camara municipal e no parlamento se collocavam n'uma situação dependente do poder, claro é que havia de succeder o que succedeu, isto é—

o desrespeito pela collectividade que elles representavam.

Agora uns querem eleições, outros não querem. Ha sinceros de ambos os lados, sejamos justos. Mas isso é uma pequenissima maioria. O resto é uma miscellanea de especuladores, uns que eram hontem pelas eleições e hoje são contra, outros que eram hontem contra e hoje são a favor, mixórdia de tratantes que voga simplesmente ao sabor dos seus interesses.

Porém deixemos isso. Os sinceros que não querem eleições dizem que é trabalho perdido lutar com recenseamentos falsificados. De facto, seria um argumento decisivo se a maioria da nação fosse republicana. Mas, deixemos os tolos dizer o que dizem, não o é. Todos os dias os patetas clamam: «a propaganda está feita; a nação é republicana» Ora a verdade é que a propaganda quasi que nem principiou ainda, porque a que se tem feito é, em grandissima parte, toda ella falsa e contraproducente. E a verdade ainda é que nem o proprio partido republicano e republicano na sua maioria, quanto mais a nação. A republica é para muita gente um recurso a tentar. E para as grandes massas uma esperanza de desordem de fugir ao fisco. E é para os especuladores, que já não teem movimento na monarchia, um meio de se arranjar. Ora essas forças são fracas. Uma republica só forte n'uma nação de republicanos. São tão pouco consistentes que o vento que as traz é o mesmo que as leva. Se os republicanos sinceros amanhã abandonarem os meios que possuem d'entreter a imaginação popular e de ir educando ao mesmo tempo, de ir ganhando terreno, d'ir empatando, ficarão sósinhos com as moscas e com as suas idéas d'abstencionismo eleitoral, os que se manifestam por este recurso violento. A abstenção era admissivel, e talvez muito politica, se houvesse forças para fazer no dia seguinte a revolução, ou se o partido republicano fosse tão forte e a nação estivesse democraticamente tão bem educada que esse facto produzisse um abalo profundo. Mas olhem que não produz abalo nenhum. O Zé vai para a Perna de Pau e não quer saber, embora o Trenas fique ameaçando os céos e o mundo. E as falsificações do recenseamento, que podiam ser muito menores assim como já foram muito maiores, então é que voltam a dobrar os pés com a cabeça.

Já se não roubam urnas em Lisboa, já se não roubam em Aveiro, já se não roubam onde os republicanos, com muita força ou sem ella, se impõem entretanto. Onde se roubam então? Onde os republicanos não chegam a meia duzia.

Pois se elles não teem força para guardar a urna tambem a não teem para fazer a revolução! Estejam certos d'isso.

N'uma só coisa teem razão os abstencionistas: é em dizer que os deputados que vão ao parlamento não fazem coisa alguma.

Pois não os escolham tolos nem tratantes. E' o remedio que teem. Provam-n'os que os não teem com juizo e com honra? Então estamos d'accordo. N'esse caso, se o tempo é perdido, se não ha vantagens que compensem as

desvantagens conhecidas, damos a mão à palmatoria. Para levar á camara quem os desacredite, melhor é não perder tempo com isso.

Emfim, seja o partido sério, saiba-se impôr, exerça uma propaganda digna e honrada, saiba escolher os seus mandatarios e verão como ganha terreno, como as falsificações hão de diminuir cada vez mais, e como a causa democratica ha de chegar a triumphar, embora pela revolução, mas sem pôr de parte, todavia, aquillo que constitue a base de toda a sua existencia e a fórmula de todas as doutrinas democraticas.

Sejam justos, sensatos e habeis, que d'isso, principalmente, é que carecem. Sim, sejam isso e verão depois como triumpham.

### PERANTE A ABSTENÇÃO

Em lugar de defender o abstencionismo no campo dos principios, com a argumentação cerrada que a doutrina offerece, o famoso sr. Heliodoro Salgado, uma das mais ricas prendas cá da republica, fala da sua pessoa, das intriguinhas dos seus confrades e companheiros de patuscas na tia Leonarda, com uns ares que parecem de Catão, áquelles que o não conhecerem bem e a fundo. Nós, porém, que sabemos de quanto é capaz o honrado cidadão, ficamos-nos a olhar de braços cruzados e de sorriso ironico nos labios, á espera de ver aonde vão parar estes trociantas que teem sido verdadeiras desgraças no republicanismo, pois que tendo todos os defeitos dos homens de valor, não teem uma só das suas virtudes.

Sim! Teem sido os Heliodoros, os Carvellas, os Casaquinhas, os Calixtos, os Gomes da Silva, os Terenas, os Anselmos de especies e feitos varios que enxaemeiam o partido republicano, os escatrachos que deram com tudo isto em terra, porque encontraram fraqueza e ineptia rematada nos chefes. Se estes tivessem o pulso, a energia e os largos golpes de vista dos grandes estadistas e dos politicos de cunho, não assistiriamos hoje ao deploravel espectáculo de ver a imprensa republicana entregue nas mãos d'uma sucia de quadrilheiros—excepto rarissimas excepções—que nem teem talento, nem honestidade, nem character; e quanto a illustração, com franqueza, duro será dizel-o, mas é rigorosamente verdadeiro—não possuem, sequer, a instrucção rudimentar que habilita qualquer homem a entrar na vida publica!

Esta é a verdade toda inteira, doa a quem doer.

Entretanto, repetimol-o, a culpa tem sido dos chefes e só dos chefes, que podendo e devendo ter contido em respeito estes pequeninos ambiciosos, ou correl-os em fórma, se tanto fôsse preciso, antes os deixaram medrar muito á vontade até chegarem ao ponto de dirigirem hoje a opinião republicana, e de pôrem e disporem d'isto como de roupa de francezes.

Mas, voltando ao celebre Heliodoro. Como viram os leitores, o cynico falou dos que agrediram Elias Garcia, d'um modo que

deixa ver bem clara e evidentemente que jámais fôsse de encontro ás opiniões do velho conservador, e que foi todo respeito, consideração e amor para com o homem. Pois, senhores, se houve lá na troupe alquem que devéras chegasse em Elias Garcia, foi justamente este farçante, foi exactamente este tratantola que nos *Debates* e na *Patria* lhe deu como quem malha em centeio verde!

Se ha maior e mais completo descaramento! E' preciso que se tenha descido muitissimo na escala da dignidade, para que se ouse falar em publico e razo, da fórma por que o faz o sr. Heliodoro Salgado, sabendo que a cada momento, se assim fôr preciso, lhe podemos transcrever tudo quanto disse de José Elias Garcia.

Conversaremos.

ABILIO DAVID.

### Carta de Lisboa

16 de Setembro.

A scisão, por consequente, é filha simplesmente do interesse, do despeito e da imbecilidade de todos. Scisões de principios, no partido republicano, não as ha, nem nunca as houve, a não ser para meia duzia d'individuos, que são lançados ao abandono pela grande massa dos especuladores, ou acompanhados por engano, quando ephemera e momentaneamente isso succede, como succedeu no ultimo congresso.

A scisão é filha das mais reles e das mais ignobeis das paixões, para o que basta simplesmente attentar no radicalismo do Trenas e quejandos. O Trenas radical! Isto diz tudo.

A scisão é a centessima prova, e a centessima prova vergonhosa, da grande sinceridade e de seriedade de toda a turba-multa, que cahiu sobre a causa republicana como uma praga do inferno. Todos elles são solidarios, todos, desde o mez de setembro do anno passado. Não nos venha dizer o directorio, como alguns dos seus membros o dizem em particular, que não quer saber do que se passa, que d'ahi lava as suas mãos. Não nos venha dizer isso, porque isso não é sério. Quem não quer ser solidario em actos politicos, protesta contra elles, ou, a menos, não os sanciona. E o directorio nem só não protesta contra coisa nenhuma, como sanciona tudo, a sua propria exauctoração, o seu proprio aviltamento. Quem não quer responsabilidades, repelle-as. Quem não pôde com o fardo, atira com elle ao chão. Não é ficar na alta investidura d'um partido para deixar correr tudo á matroca e dizer ainda por cima:—«eu não quero saber d'isso; o que eu quero é que me deixem.»

Tristissima maneira de justificar a carencia de habilidade e de coragem para se terem ido embora a tempo e a horas!

Quizeram ficar. Era habil, era digno! Sobretudo... era digno! Era digno! A gente pára n'esta palavra e fica largas horas, absorto, a scismar. Como certa gente encara n'este mundo a dignidade!

Quizeram ficar. Enredaram-se. Estenderam-se. E, agora, então, não se pejam de procurar aquel-

les subterfugios para coonestar a falta de tino e coragem com que procederam.

Não, senhores. Quizeram ficar? Pois aguentem-se com o peso da logica, com a força da verdade.

Podiamos perdoar-lhe, se elles não tivessem censurado aquelle que sabiu, depois de ter sido o unico que pagou por elles todos. Elles escreviam cartas ao Santos Cardoso, elles promettiam montar em cavallo branco no dia da revolução, elles abraçavam o denunciante na frente do denunciado, elles andavam de braço dado com a malandragem pelo Martinho e ainda censuraram o pobre d'espírito que teve a reverendissima tolice de os aturar por largos mezes. Elles não arriscavam posições nem honorarios; uns advogavam, outros caçavam rolas, outros faziam dissertações e muitas coisas mais; mas queriam que ficasse o que inutilmente estava sacrificando os interesses vitais da sua casa.

Ficar para quê? Para voltar para a cadeia pagar as deslealdades e traições dos Theophilos Bragas e quejandos? Ficar para quê? Para aturar a imbecilidade de toda a magna caterva do partido? Ficar para quê? Para chegar a esse ponto a que os senhores chegaram hoje? Não sabemos rir quando falamos em coisas sérias. Senão, davamos aqui uma boa gargalhada!

Todos elles, pois, são solidarios desde o mez de setembro. Agora dividiram-se. Em que questão de principios? O Casaquinha fez-se eleitorista. O Trenas fez-se radical. Nisso se condensa o grande problema.

O Trenas foi republicano historico. Mas então? Deu-lhe agora em ser... republicano radical! O Trenas foi pelas eleições, n'outro dia, hontem, por assim dizer. Já o 31 de janeiro tinha enchido de gloria os fastos do republicanismo portuguez. Já existiam as victimas do acontecimento. Era preciso vingar a derrota e dulcificar o coração dos infelizes. Entretanto, o herdeiro sagrado de José Elias era pelas eleições. Hoje—só elle tem o segredo d'essas grandes inspirações—Trenas illustre fez-se um terrivel inimigo dos eleitoristas, á voz sagrada da Santa Geneveva que o manda avançar de lança em riste para vingar a santa causa e os pobres martyres que andam sem calções.

E' um eleito! Tem nos olhos o fulgor dos escolhidos!

Vice-versa, o Casaquinha foi outr'ora um terrivel inimigo do radicalismo. Depois... foi um terrivel inimigo de conservatismismo. Agora, doutor em minuets, afia a espada gloriosa e terrificante com que ha de degolar o menino innocente, isto é, o Trenas radical!

Emfim, ha um eleitorista, e famoso exemplar tambem que elle é que come á hora do jantar o lendario guisado, carneiro com

batatas, das eleições pacovias da nossa boa terra, e que ceia á noite a polvora negra da revolução, o cartucho tradicional da barricada. Um outro, e este é a synthese de todos, assignou os dois manifestos, um por engano e o outro por... convicções.

Sim, este é a synthese de todos. Todos elles são tudo. Revolucionarios, eleitoristas, eleitoristas, revolucionarios; radicaes, conservadores, conservadores, radicaes; pretos, brancos, brancos e pretos. Com a differença de que uma coisa são-o sempre por engano e a outra por... convicções.

Ora ahí está a explicação da crise e a origem de todas as scições.

Que formidaveis troca-tintas! E, sobretudo, que refinados imbecis!

Não ha facto psychologico mais digno d'estudo do que a seriedade com que elles julgam serem tomados a sério no paiz. E' singular, e, por isso mesmo, digno d'estudo.

E passemos a outro assumpto, que já temos gasto papel demasiado com tal gente.

—Tem-se falado por aqui na prisão de João Chagas. Já que o acontecimento se deu, e sou o primeiro a lamentar-o, sempre direi duas palavras.

João Chagas veio a Portugal para conspirar, ou veio para se entregar? Se veio para se entregar, não se comprehende como se escondesse. Tantos trabalhos e fadigas, a fuga da Africa, os transportos que se lhe deviam seguir, para se metter outra vez na bocca do lobo!... Não o acredito. E' uma desculpa, uma evasiva, um pretexto, uma justificação da leviandade com que procederam, o que se pretende arranjar com isso.

Veio para conspirar? Veio ao menos para ver os amigos? Então... temos em scena os homens do 31 de janeiro. Todos elles condemnaram a obra, todos elles diziam e dizem que não era aquillo que pretendiam. Mas se o 31 de janeiro não podia ser senão o 31 de janeiro?

Entrou em Portugal ás escondidas e logo arranjou um nome que nem ao diabo lembrava. Nicomedes, o sr. Nicomedes! Era caso para que o mais boçal dos policas do Porto ficasse um minuto a scismar. Depois o sr. Nicomedes foi para casa d'uma pessoa das intimas relações do seu mais intimo amigo. Depois o sr. Nicomedes apparecia de noite á janella, a fumar, segundo se diz. Depois o sr. Nicomedes... foi Nicomedes até ao fim.

Ora valha-nos Deus. João Chagas é um excellente rapaz. Mas está demonstrando que é um romantico de primeira força. E o romantismo dá cabo de tanta gente boa!...

Diz-se que já não é a primeira vez que João Chagas vai ao Porto e que a policia soubera das

suas visitas anteriores. Porque o não prendeu então? Convinha-lhe agora por causa dos manejos de Hespanha?

Uma falta completa de seriedade em tudo. Já uma vez o disse-mos: «são os monarchicos a conspirar contra a monarchia e os republicanos contra a republica.» Acrescentámos: «quem conspirar menos é que ganha. Os monarchicos ainda hão de ganhar a segunda partida.»

Infelizmente, os factos vão confirmando tudo.

## NOTICIARIO

### Eleições de deputados

A folha official publicou um decreto fixando o dia 23 de outubro proximo para a eleição de deputados no continente e ilhas adjacentes.

### O chafariz do largo do Espirito Santo

O chafariz do Espirito Santo continua sem agua. Não sabemos se o sr. presidente da camara tem conhecimento d'isso, mas não é drível que todos os vereadores o ignorem. O sr. Antonio Vieira passa muitas vezes junto do chafariz, onde talvez haja ouvido as imprecações contra o desleixo da camara, de que s. s.ª é membro.

Portanto, em tal desleixo só vemos ruim proposito de incomodar os moradores do Espirito Santo. Se assim é, lamentámos ter de observar em termos asperos a irqualificavel administração municipal do nosso concelho, onde os vereadores se importam menos com os justos interesses dos municipes e mais com os seus proprios.

O sr. Couceiro, que tem mostrado não e fadar Deus para estas coisas, não terá ao menos recursos para fazer entrar agua no encanamento que se diz extraviada lá pelas Bregeiras?

Valha-nos Deus com o sr. Couceiro, que anda talvez entretido a captar mezes na sua esplendida quinta de Villarinho.

Esperemos mais alguns dias. Se s. ex.ª nos não ouvir, voltaremos-hemos para o sr. Abreu, depois para o sr. Avelino. Com s. s.ª teremos largas conversas, se s. ex.ª o sr. Couceiro persistir na teimosia sinistra de querer matar-nos á sede.—Porque tambem habitámos proximo ao largo do Espirito Santo.

### De visita

Acha-se ha dias em Aveiro, de visita a seu irmão, o nosso amigo sr. José Maria de Mattos, negociante da praça de Lisboa.

### A vaccina do cholera

O grande sabio Pasteur foi ha dias entrevistado por o sr. Blowitz, correspondente do "Times," em Paris.

com meu pae é que havia de perder-te? pois é agora que me querias roubar toda a alegria da minha alma? E' horrivel! Mereço-te isso, Conrado?

—Branca, em nome do céu, não me accuses.

—E que justificação me dás do teu procedimento?

—Ah! nenhuma; devo calar-me.

A filha do tribune tirou do corpete o bilhete de Colonna e apresentou-o aos olhos do seu amante.

—Ahi tens o aviso que recebi: lê.

Conrado pegou no papel, onde estavam escriptas as linhas seguintes:

«Senhora, o mancebo que todos os dias ia fazer-vos uma visita á casinha da estrada de Ostia, quer afastar-se de Roma, erradamente convencido sem duvida de que a vossa mudança de fortuna diminuirá o sentimento de afeição que lhe tendes confessado. Fieis e discretos servos de vossa pae se encarregam de impedir a fuga do ca-

O illustre clinico disse-lhe:

—Ha mezes, o principe Donnrong, irmão do rei de Siam, veio ver-me ao Instituto. Interessou-se vivamente pelas experiencias da vaccina ante rabica e disse-me que se descobrissemos um remedio por meio do qual se podessem as pessoas preservar do cholera, desejava ser informado o mais rapidamente possivel, porque o cholera existe em estado endemico em Siam, aonde faz em cada anno numerosas victimas. Escrevi ao principe dizendo-lhe que esperava fosse por elle bem recebido um dos meus colladoradores que ia a Siam e que lhe desse as precisas autorisações governamentais para vacinar uma fracção de habitantes em algumas povoações, registrando devidamente os nomes dos vacinados para resolver uma questão scientifica de muita importancia.

Espero que a minha petição será acolhida favoravelmente pelo governo siamez e que d'esta maneira —o unico methodo possivel que existe para a sciencia—dentro de pouco tempo havemos de saber se a vaccina do cholera, introduzida no corpo, constitue uma protecção contra o cholera intestinal, isto é, contra o verdadeiro cholera. Até aqui não podemos fazer mais do que tomar nota dos resultados preliminares já obtidos, não podendo todavia cantar victoria final respectivamente ao terrivel inimigo, contra o qual a propria civilisação tem travada uma encarnizada lucta.

### Pelo telephone

Está lá, sr. commissario de policia?

Já leu nos *Successos*, de hontem, o que alli se refere a v. s.ª?

Diz aquelle jornal que s. s.ª foi alvo de calhoadas na festa da Senhora da Ajuda, mas que os matações foram bater, por erro de pontaria, nos queixos d'um guarda civil.

E' bom averiguar como os *Successos* souberam que se pretendia correr o sr. commissario á calhoada. Confirmar-se isso, é affirmar-se o desprestigio da auctoridade, investida no sr. Pinto Victor.

A' calhoada!...

### Grande incendio

Na madrugada de sexta-feira ardeu, na Mealhada, a fabrica de destillação pertencente ao sr. Bazilio Fernandes Jorge.

Os prejuizos foram grandes, mas a fabrica estava no seguro.

### Subsidio aos deputados

No *Diario do Governo* acaba de ser publicado um decreto, determinando que os deputados ás côrtes exerçam sem remuneração as suas funcções, exceptuando os deputados do ultramar, que tenham residencia fixa nas possessões ultramarinas.

Os deputados terão passagem gratuita nos caminhos de ferro e nos navios do estado.

As municipalidades dos respe-

valleiro Santa-Cruz e encerral-o-hão esta noite n'um casebre deserto, na extremidade do Corso, aonde vos pedimos, Senhora, que envieis homens de vossa confiança, os quaes poderão prendel-o n'esse logar e conduzil-o á vossa presença...

—Nenhuma assignatura! disse Conrado com grande desanimo. Foi elle, só elle é que podia ter escripto esta carta. O meu Deus, protegei-me!

—Assustas-me... Elle... quem é?

—Um inimigo mortal, o teu, o meu.

—O seu nome.

—Não posso dizer-t'o.

—Tens então segredos para mim, não confias na minha amizade?

—Branca, não insistas, peço-te. Este segredo mataria a nossa felicidade e desunir-nos-ia sem demora.

—Então cala-te, cala-te! não te perguntarei mais nada, não quero saber de mais nada.

ctivos circulos são auctorizadas a subsidiar os deputados, não residentes na capital, quando as circunstancias dos eleitos assim o reclamarem.

Os empregados publicos teem apenas direito ao vencimento da respectiva cathogoria.

### Declaração

O nosso amigo sr. José Maria de Mattos pede-nos para aqui declararmos, em seu nome, que lhe appareceu hontem a carteira com as notas no valor de cerca de 705000 réis, que na segunda-feira tinha perdido.

### A caridade das Collectas

Informa a *Aurora do Lima*, de Vianna do Castello:

Tendo ficado bastante contuso, e quasi sem accorde, um dos moços de forçado que tomaram parte na corrida de toiros, o cabo n.º 4 e os policas n.º 10 e 15 promptamente tomaram conta do ferido, fazendo-o transportar em um trem ao hospital da Misericordia, para alli ser curado.

Uma das irmãs de caridade que assistem n'aquelle estabelecimento, não só recusou a entrada ao ferido, como acrescentou as seguintes palavras:

—«Homens d'esses que vão curar-se ao inferno!»

### Praias

S. Jacintho, 15.—Depois de um anno de ausencia, cá eston no meu posto. Cheguei ha dias, e vim encontrar esta praia notavelmente adeantada e com mais vida do que o anno passado. Os edificios cresceram mais para o sul, o que se explica pela facilidade da viação e das communicações com o continente, que n'estes casos é a cidade d'Aveiro.

—Tem havido muito movimento de trabalhos piscatorios. Os resultados, se não correspondem aos desejos e mesmo ás esperanças dos que mais directamente interessam n'esses trabalhos, não são tambem ruinosos para essa industria. A sardinha tem obtido um preço bem remunerador. Vamos lá, «que quando mal, nunca maleitas», como por aqui diz o tio Antonio Abbade, um leão do mar, cujos arrojados e temeridades não são eclipsados por esses famosos *patrões*, que as gazetas teem justamente encomiado pelos seus actos de heroica abnegação.

Antonio Abbade é um misero pescador, pobre como Job, simples como uma creança, e conta já os seus 70 annos bem puxados. Alquebrado pela idade e pelos trabalhos rudes do mar, arrasta agora uma existencia penosa, apesar de não temer ainda, agarrado á canna d'un remo, as emulações dos mais valentes moços pescadores.

Coitado! Encontro-o quasi todas as manhãs, dirigindo-se á praia, para descortinar os *animos* do oceano, e ver se elle está de

—O meu amor, disse o mancebo com extrema prostração, que sombrio futuro se apresenta diante de nós!

—Uma unica pergunta, Conrado: deixaste de me amares? acreditaste que a fortuna mudaria o meu coração?

—Não, juro-t'o.

Ella juntou as mãos e dirigiu para o céu um olhar cheio d'uma alegria ineffavel.

—Então, continuou ella, que tenho eu a recear? Não temo os perigos que tu presagias; meu pae é poderoso e saberá destruir todos os esforços dos seus inimigos. Ficarás comnosco e não nos deixarás mais.

—E' impossivel... juro-te que é impossivel, minha filha!

—Ah! silencio, Conrado; és meu prisioneiro, disse ella com um terno sorriso.

—Dois dias, dois dias sómente, Branca, e eu voltarei, prometto-t'o perante Deus.

(CONTINUA.)

## FOLHETIM

EUGÈNE DE MIRECOURT

51

## O ULTIMO BEIJO

Tradução de VIEIRA DA CUNHA

XIV

### Reunião

O coração do filho de Montréal palpitava violentamente.

Todas as perguntas que fizera ao veterano durante o caminho tinham ficado sem resposta.

Desceu do carro, atravessou varias galerias, e subiu os degraus d'uma escada nobre.

Giacomo servia-lhe de guia.

Depressa entraram n'uma sala esplendidamente illuminada. Em todas as sahidas havia guardas. O

amante de Gertrudes inclinou-se respeitosaente deante do mancebo, deu-lhe as boas noites e retirou-se.

Conrado ficou só.

Onde está? Que ordens mysteriosas são aquellas, por meio das quaes o fazem esperar pela sua liberdade? Será Branca quem emprega aquelles meios para melhor o atrahir á sua nova morada? Ou será o tribune que deseja interrogal-o ácerca do seu amor??

Não devia estar por muito tempo na incerteza.

Um roçar de sedas e uns passinhos leves se fizeram ouvir. Conrado voltou a cabeça; Branca estava deante d'elle.

O semblante da donzella estava pallido; uma nuvem de tristeza assombreada-lhe a frente.

—Não me haviam pois abandonado, disse ella: quereis abandonar Roma, quereis fugir-me?... Ah! Conrado, tinhas coragem de me dares semelhante desgosto? Pois agora que tenho o prazer de viver

sorte. No momento em que escrevo estas linhas, lá vai elle formando no cachimbo, d'onde sahem tenues ondas de fumo, a despeito dos potentes *chupadouros*, capazes de haurirem n'um segundo um cangirio de zurrapa.

—No proximo domingo, esta praia veste de gala, para festejar solemnemente a Senhora das Areias. No sabbado ha illuminação, musica e entremez, e no dia festa d'egreja a grande instrumental, arraial, e os folguedos do costume. Não sei quem é o prégador; desconfio, porém, que o frei Rodrigo Manuel fôra um dos indigitados para isso. Descobri que o robicundo levita tem aqui admiradores e tambem inimigos e que entre essas parcialidades elle foi lembrado para subir ao pulpito no domingo.

Eu tinha gosto que fosse elle o prégador, cá por uma coisa que só digo a essa illustrada redacção: é que só elle compunha um numero do programma festi- val. Aquillo depois da festa da tarde—e mesmo da da manhã— representa o mais fresco trecho das lendas bacchicas. E a gente a rir... a rir...

P. X.

**Os nossos vinhos na Allemanha**

N'uma carta de Berlim para o *Comercio do Porto* lê-se o seguinte:

Ao que parece, os productores de vinhos em Portugal estão receosos de que se augmentem os direitos sobre os vinhos, cujo grau alcoolico passe de 17 p. c. Para tranquillisar os vinicultores portuguezes, dir-lhes-hei que os direitos actuaes não podem ser augmentados sem o consentimento do Reichstag.

No reichstag ha um pequeno partido, quasi todo composto de individuos da Allemanha do sul, que desejaria que os direitos sobre o vinho fossem augmentados, como protecção aos vinicultores allemães; mas a maioria do Reichstag não é favoravel a qualquer augmento de direitos, e é até duvidoso que o conselho federal da Allemanha apresente uma proposta n'esse sentido.

**A fanfarrada do Asylo-Escola**

As teimosias e os caprichos semis do sr. Pinheiro Nobre determinaram á commissão executiva da junta geral do districto uma providência acertada e ha muito reclamada pela opinião.

A commissão executiva prohibiu que a fanfarrada do asylo fosse tocar a arraiaes, ou mesmo a outras festas para as quaes era frequentemente assalariada.

A mesma commissão auctorizou-a, porém, a ir tocar, aos domingos, ao jardim. Hoje, é a segunda vez que a fanfarrada se faz ouvir n'aquelle recincho.

**Chronica do crime**

Em Jerez de la Frontera, deuse um terrivel drama.

Casára havia pouco tempo uma gentil rapariga, e o marido era em extremo ciumento. Não lhe faltavam motivos. Terça-feira surprehenden a mulher *in fraganti*. Lançou-se aos dois e encheu-os de punhaladas, e, considerando-os mortos, tentou suicidar-se com uma navalha.

A esposa, ao sentir o primeiro golpe, gritou:

—Mataste-me, miseravel!

E ficou immovel.

Resultado: o amante encontra-se n'um estado gravissimo, e parece que não escapa. O marido está tambem ás portas da morte, e a unica que se espera salvar é a esposa adúltera.

**Jesuitas**

Estão em Roma, para eleger o seu novo geral, os delegados da companhia de Jesus. O candidato que reúne maiores probabilidades de triumpho é o padre Lins Martin, hespanhol, oriundo da provincia de Castella, secretario da curia

do geral e vigario designado pelo padre Anderlady, o fallecido geral.

Se fôr eleito o padre Martin, a Hespanha terá o quinto sacerdote n'aquelle eminecia da companhia de Jesus: o primeiro foi o padre Ignacio de Loyola, o segundo o padre Lainez, o terceiro o padre Francisco de Borja e o quarto o padre Tirso Gonzalez, eleito depois do meado do seculo XVII.

Na estatistica dos jesuitas vê-se que, ao presente, contam com 12.947 ecclesiasticos em todo o mundo. A Hespanha tem, á sua parte, n'esses algarismos, 2.570 membros da companhia de Jesus.

Mas, o que é curioso é que a estatistica jesuita devida a Hespanha em 5 provincias, sendo uma d'ellas Portugal. Aqui devem existir 205 padres jesuitas.

O numero dos jesuitas leigos tambem é grande.

**Fóco de infecção**

Na rua de S. Martinho, junto á esquina da casa do padre Maio, está em activa laboração um fóco de miasmas, tão violento, que os visinhos vêem-se obrigados a ter as portas e as janellas fechadas, para não ser envenenados pela atmosfera que constantemente vaporisa d'um cano que alli ha, e é receptaculo de materias excrementicias que lá vão despejar á noite e mesmo de dia.

O bacillus virgula teria alli um baluarte inexpugnavel, d'onde seria capaz de matar metade de Aveiro. E' exaggero? Ora dêem-se ao incommodo de ir lá cheirar, mesmo de largo. Se não forem fulminados por alguma syncope, não sabemos que soffrimento menos agradável poderão contrahir.

Se o sr. Francisco Manuel Couceiro fizesse a graça de nos ouvir, pedir-lhe-iamos que mandasse applicar diariamente um forte jacto de agua no referido cano, serviço facil e barato, de resto.

**O uso da barba**

E' curiosissima a seguinte resenha sobre o uso da barba desde os primeiros tempos.

Os primeiros deuses do paganismo apresentavam-se com uma barba magestosa que o christianismo conservou tambem para Gebová. Sem nos tentarmos em todas as vicissitudes que a barba experimentou atravez dos séculos, diremos, todavia, que em França representou um grande papel.

No tempo de Clovis a barba chegou mesmo a ser motivo de compromissos politicos. Depois da batalha de Tolbiac (496), Clovis pediu ao vencido que viesse elle mesmo tocar-lhe nas barbas como signal de alliança. Longe de se conformar com este convite, Alarico agarrou pelas barbas aos embaixadores francezes e os expulsou do seu palacio. Estes, todos confusos, juraram pelas suas barbas, na frente de Clovis, de que tirariam vingança de semelhante affronta. Tem talvez origem n'este facto historico o dito popular: «Juro pelas minhas barbas.»

Durante muitos reinados foi a barba objecto de variadissimos regalamentos.

Umaz vezes comprida, outras curta, redonda, ponteaguda e adornada com perolas e com ouro, deu lugar a grandes querellas e a discussões constantes até no proprio seio da corte de Roma.

Os papas quizeram uns, e outros não quizeram a barba, prohibindo-a uns e aceitando-a outros.

S. Clemente de Alexandria, S. Cypriano, S. Jeronymo, Santo Antonio e S. Chrysostomo, discutiram verbalmente e por escripto, pró ou contra, o uso da barba, dos bigodes e da cabelleira.

O triumpho da barba, em França, data do Renascimento, em que o exemplo dos grandes artistas, que professaram por ella uma especie de culto, foi seguido pelo soberano e pelos seus magnates.

Não deixaremos de mencionar aqui o episodio comico-burlesco que deu causa ao divorcio de Luiz III e de sua esposa Leonor de

Guyenne. Esta soberana estava offendida com o desdem do seu esposo, que era dotado de uma formosa barba castanha. Um dia, Luiz III lembrou-se de se adornar e sollicitar de Leonor as caricias conjugaes, no que não foi attendido por causa do espanto que a sua fealdade produziu em sua esposa, seguindo-se como consequencia o divorcio.

No tempo de Henrique desapareceu a barba e foi substituida pelo bigode e uma pera muito comprida.

No reinado de Henrique IV usou-se a barba quadrada.

No reinado de Luiz XIX pouco se usava o bigode e simplesmente se fazia uso da pera ou mosca. Nos seguintes reinados usava-se a cara rapada. O mesmo succedeu com a republica e o directorio, com o imperio e a restauração.

Em 1830 tudo mudou. Torna a apparecer a barba usada pelos artistas, pelos conspiradores e, desde então para cá, cada um a tem usado e usa como melhor lhe parece.

**Uma caldeira de santos**

Dizem os jornaes de Roma que, por occasião da natividade de Maria Virgem, foram promulgados no Vaticano os decretos pontificaes em que se confirmam as heroicas virtudes da vida do veneravel Bianchi (Barnabita), do veneravel Baldinoci (jesuita), do veneravel Maiella (jesuita), e do veneravel Leopoldo de Gaichis (da ordem menor de S. Francisco), estabelecendo a authenticidade dos milagres attribuidos a estes personagens.

Annuncia-se a sua beatificação para o jubileu episcopal do papa. Estiveram presentes á promulgação dos decretos o cardeal Marsella, prefeito da congregação dos ritos, outros membros do sacro-collegio, mousenhor Caprara, promotor da fé, e deputações das ordens a que os beatificados pertenceram.

O papa Leão XIII, offeriu uma allocção em honra dos beatificados, especializando a verdade da vida do veneravel Leopoldo.

**O POVO DE AVEIRO**

Este jornal acha-se á venda em Lisboa nos seguintes locais:

Tabacaria Monaco, praça de D. Pedro, 21.

Misque do Rocio (lado sul).

Estabelecimento do cambista Rodrigues, rua de S. Bento, 262 a 262-A.

**Prophylaxia do cholera**

Pela sua importancia e oportunidade reproduzimos em seguida das «Novidades» uma série de instrucções de prophylaxia do cholera, que este nosso collega publicou ha dias:

**I**

**PROPHYLAXIA INDIVIDUAL**

Hygiene. Evitar os arrefecimentos subitos e os excessos de qualquer natureza. Usar moderadamente do vinho e outros liquidos alcoolicos. O vinho deve ser aquecido previamente á temperatura de 60° e engarrafado depois.

A agua e as bebidas geladas devem ser usadas com prudencia. Abstenção completa de fructas verdes e alimentos crus.

A agua deve ser objecto da mais severa attenção, devendo sempre ferver-se durante dez minutos, pelo menos, guardando-se em garrafas bem rolhadas e incompletamente cheias para se poder vascolear antes de usar-se, a fim de lhe introduzir algum ar. A Sociedade das Sciencias Medicas opinou, nas suas instrucções de prophylaxia individual, pelo addicionamento, antes de a ferver, d'um decigramma de sulphato de ferro, puro, ou chloreto de aluminio por cada litro de agua.

A agua dos poços deve ser completamente banida dos usos domesticos. A agua de cisterna, se esta tiver sido abastecida antes

da epidemia, poderá usar-se, mas deve-se sempre ferver. A agua distillada pôde beber-se em tempo epidemico, mas deve sempre arregar-se pelo processo que aconselhámos aos que fizerem uso da agua fervida. O pão deve ser cortado em fatias delgadas e submettido a elevada temperatura, durante cinco minutos.

**II**

**DESINFECÇÃO**

Os desinfectantes mais recomendados são:

O sulphato de cobre (caparosa azul);

O chloreto de cal em pó ou diluido em agua;

O sulphato de zinco (caparosa branca);

O sulphato de ferro (caparosa verde);

O acido phenico em mistura com um acido mineral;

O gaz acido sulphuroso;

O gaz chloro;

Os acidos sulphurico e chlorhydrico, cujo manuseamento é perigoso, devendo usar-se com toda a cautella;

O leite de cal.

**NA CASA DOS CHOLERICOS**

Dejectos.—Todos os dejectos (fezes e vomitos) devem ser immediatamente desinfectados com o seguinte soluto:

Sulphato de cobre..	50 gram.
Chloreto de cal....	50 »
Agua.....	1:000 »
Leite de cal.....	200 »

Aqueça a agua e dissolva a quente o sulphato de cobre; junte depois o chloreto de cal e o leite da mesma base.

Este soluto deve estar previamente preparado e guardado em frascos convenientes para ter uso conveniente.

Os vasos destinados a receber as fezes ou os vomitos devem já conter cerca de 200 grammas d'este soluto. No acto do despejo deve tambem deitar-se em seguida uma porção de soluto de sulphato de cobre, (50 de sulphato para 1:000 de agua), ou chloreto de cal em diluição na proporção de 100 de chloreto para 1:000 grammas de agua.

Lavagem das mãos e rosto—N'esta operação empregar-se-ha o seguinte soluto:

Sulphato de cobre..	20 gram.
Chloreto de cal....	20 »
Agua.....	1:000 »

Aqueça a agua, faça depois a solução do sulphato de cobre e junte em seguida o chloreto de cal.

Lavagem da bocca—N'esta operação usar-se-ha o seguinte soluto:

Acido chlorhydrico.	4 gram.
Agua.....	1:000 »

Retretes, etc.—Na lavagem repetida das retretes far-se-ha uso do soluto de sulphato de cobre (50 de sulphato para 1:000 de agua), ou do chloreto de cal, em em pó, ou em diluição na proporção de 100 grammas para cada litro de agua, que se empregar. O soluto aconselhado na desinfecção dos dejectos—se o houver em abundancia—pôde tambem usar-se, sendo, por tanto, escusado o emprego de novos desinfectantes.

Roupas brancas—Serão immediatamente desinfectadas as pertencentes aos cholericos, fazendo-se uso do soluto aconselhado na desinfecção dos dejectos; e, na sua falta, o soluto de sulphato de cobre (50 para 1:000) ou a diluição de chloreto de cal (100 para 1:000). Com qualquer dos solutos devem as roupas estar em contacto durante duas horas, devendo depois ser remetidas para a lavadeira.

As roupas não pertencentes aos cholericos serão tambem desinfectadas com o soluto aconselhado na lavagem das mãos e rosto. Não existindo este preparado, desinfectem-se com a simples solução de sulphato de cobre na proporção de 200 grammas de sulphato para 1:000 de agua.

Roupa de côr—A dos cholericos e a dos enfermeiros será sub-

mettida á estufa de desinfecção ou mantida em agua fervente durante meia hora.

Na impossibilidade de usar-se qualquer d'estes desinfectantes, será a roupa submettida á acção do acido sulphuroso.

Se a roupa estiver polluida pelos vomitos dos cholericos, etc., será immediatamente mergulhada no soluto aconselhado na desinfecção dos dejectos.

Tapezes, cortinados, etc., dos quartos dos cholericos.—Na sua desinfecção aconsella-se o soluto de sulphato de cobre, removendo-os immediatamente para a estufa. E' de toda a conveniencia que nos quartos dos doentes não haja taes accessorios, como maito bem dizem as instrucções publicadas ha annos pela Sociedade das Sciencias Medicas.

Cadaveres.—Em caso de obito será o cadaver lavado com o soluto forte de sulphato de cobre (50-1000) ou com o de chloreto de cal (100-1000), removendo-o immediatamente para um cemiterio, para observação.

Os colchões, enaxergões, travesseiros e almofadas, que tenham servido a doentes, mesmo aos levemente atacados, serão desinfectados com o soluto de chloreto de cal e lavagens repetidas com agua a ferver, devendo queimar-se a lâ, ou a palha ou qualquer outro producto contido no seu interior.

Nas instrucções de prophylaxia da Sociedade das Sciencias Medicas aconsella-se o seguinte:

E' muito conveniente que desde o principio da doença o colchão esteja totalmente coberto por um oleado ou por quaesquer outros tecidos impermeaveis, comtanto que não sejam pelles de animaes.

(Continúa.)

**GAZETILHA**

Tenho andado a pensar em fortunas colossaes, que brotam subitamente, como os alhos nos quintaes.

Sim: elles que sem dez réis, vão com fome p'ra o poder, vêm de lá abarrotados e ricos a mais não ser.

Sem duvida é milagre sobrenatural, profundo, tão difficil d'explicar como a formação do mundo.

**Definições**

GOVERNO.—Brazil dos governantes.

POLITICA.—Talho onde a consciencia se vende por baixo preço.

AZORRAGUE.

**CONTRA A DEBILIDADE**

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

**O REMECHIDO**

Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes paladinos do partido miguelista.

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.

Illustrada com o retrato do biographado

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis, e só se vende, em Aveiro, no estabelecimento de Arthur Paes.



**Vinho Nutritivo de Carne**

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoría geral de hygiene da côrte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medallas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consunção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dôse, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**Contra a Debilidade**

*Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco.*—Premiada com as medallas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICA legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

**Contra a Tosse**

*Xarope Peitoral James.*—Premiado com as medallas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Pariz.

UNICO legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoría Geral de Hygiene da côrte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**DICCIONARIO**

DE

**MEDICINA POPULAR**

DO

**D<sup>r</sup> CHERNOVIZ**

2 Volumes em-8<sup>o</sup> de 1200 paginas

Ornados de 913 figuras

**GUILLARD, AILLAUD & C<sup>IA</sup>**

242, Rua Aurea 1<sup>o</sup> — LISBOA

LADISLAU BATALHA

**MISERIAS DE LISBOA**

GRANDE ROMANCE DA ACTUALIDADE

Edição illustrada com muitas e magnificas gravuras por Francisco Pastor

Está publicado o 1.<sup>o</sup> volume. Remette-se pelo correio. Preço 400 réis.

Toda a obra conterá apenas 5 volumes.

Em Lisboa, as assignaturas poderão ser requisitadas aos empregados da empresa, e da provincia todas as requisições deverão ser acompanhadas da importancia de alguns fasciculos ou volumes á administração de Noticias, 93.— Empresa editora do RECREIO.— Deposito, Rua do Espirito Santo, 109.— Administração e typographia, Rua da Barroca, 109—Lisboa.

EMILIO RICHEBOURG

**A ESPOSA**

Edição illustrada com chromos e gravuras

Está em publicação esta obra do auctor dos romances «A Mulher Fatal», «A Martyr», «A Filha Maldita», «O Marido» e «A Avó», que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes.

**BRINDE AOS ASSIGNANTES**

No fim da obra será distribuido aos srs. assignantes, como brinde, uma estampa em chromo, de grande formato, representando a VISTA GERAL DO PALACIO DA PENA, DE GINTRA.

Editores Belem & C.<sup>a</sup>, rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa.

**ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO**

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

**CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA**

Compendio para as escolas, em conformidade com os programas d'ensino elementar e d'admissão aos lycens

Preço, cartonado, 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

**HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE**

**O caso do convento das Trinas**

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes, na rua do Espirito Santo.

FREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

FRANCISCO CHRISTO

**Os acontecimentos de 31 de janeiro e a minha prisão**

Preço . . . . . 600 réis

A' venda na administração d'este jornal. Remette-se, franco de porte, a quem enviar aquella importancia a esta administração.

**Cosinheiro Familiar**

Tratado completo de copa e cosinha

Por A. TAVEIRA PINTO

Valiosa colleção de receitas para fazer almoços, lunches, jantares, merendas, ceias, molhos, pudins, bôtos, doces, fructas de calda, etc., com um desenvolvido formulario para licôres, vinhos finos e artificiaes, refrescos e vinagre. Ensina a conhecer a pureza de muitos generos, a concertar louças, a evitar o holor e maus cheiros, a limpar os objectos de zinco e de esmalte, a afugentar as formigas e contém muitos segredos de importancia para as donas de casa, creadas e cosinheiros.

N'este genero, é o livro melhor e mais barato que se tem publicado.

Preço 200 réis.

Está á venda nos kiosques e livrarias do reino, ilhas e Africa.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia em cedulas, devem ser dirigidos ao editor—F. Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

**COLLECCÃO**

**Camillo Castello Branco**

Volumes a 200 réis, em brochura; a 300 réis, encadernados em percalina.

Companhia Editora de Publicações Illustradas, travessa da Queimada, 35—Lisboa.

**FABRICA DE MOAGEM A VAPOR**

DE MANUEL HOMEM DE CARVALHO CHRISTO

AVEIRO

N'este estabelecimento, instalado na rua dos Tavares, mee-se milho e trigo

vende-se farinha de milho e trigo, a toda a hora do dia.—Compra-se milho e trigo

**O Judeu Errante**

POR

EUGENIO SUE

Edição illustrada, nitida e economica

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

1.<sup>a</sup>—O JUDEU ERRANTE publicar-se-ha a fasciculos semanaes, que serão levados a casa dos senhores assignantes nas terras em que houver distribuição organizada.

2.<sup>a</sup>—Cada fasciculo de 5 folhas de 8 paginas, ou 4 folhas e uma gravura, custa o diminuto preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

3.<sup>a</sup>—Para as provincias, ilhas e possessões ultramarinas, as remessas são francas de porte.

4.<sup>a</sup>—As pessoas que desejarem assignar nas terras em que não haja agentes, deverão remetter sempre á Empresa a importancia adiantada de 5 ou 10 fasciculos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa Litteraria Fluminense, casa editora de A. A. da Silva Lobo, rua dos Retrozeiros, 125—Lisboa.

Administrador e responsavel JOSÉ FERREIRA CAMPOS JUNIOR